



Davos quer desatar o mesmo nó do capitalismo após 50 anos

EMPRESAS 16 e 17

Área: 1407cm² / 50%

Tiragem: 16 981

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6722752



GESTÃO

Davos quer desatar o nó do capitalismo 50 anos depois

O Fórum Económico Mundial vê hoje os mesmos problemas no capitalismo que via há 50 anos. Voltam à discussão porque o futuro da economia e das empresas está em causa, alerta o presidente.

ANA BATALHA OLIVEIRA
anabatalha@negocios.pt

“O propósito de uma gestão profissional é servir os clientes, acionistas e trabalhadores, tal como as sociedades, e harmonizar os diferentes interesses dos ‘stakeholders’”.

Este é o ponto que abre o primeiro manifesto assinado em Davos – em 1973, há quase 50 anos. Esta semana, os grandes atores da economia mundial relançam a discussão em torno do mesmo tema que estava em cima da mesa na década de 70. Quer-se repensar o papel das empresas na sociedade e os objetivos a que se propõem dentro do sistema capitalista – questionando a primazia da maximização do lucro e do retorno para os acionistas. Mas se esta é uma questão tão antiga, porque volta agora à ribalta e que razões há para acreditar que é agora o

tempo de mudança?

Os “grandes impulsionadores” serão os jovens, e a ativista Greta Thunberg é dada muitas vezes como exemplo. “Os millennials e a geração Z já não querem trabalhar para investir e para comprar as empresas que têm falta de valores”, defende Klaus Schwab, fundador e presidente do Fórum Económico Mundial (WEF, na sigla em inglês), num texto de opinião publicado na revista Times, a 9 de dezembro.

E agora há mais formas de pressão: “Os consumidores estão a assumir o poder que têm através do digital”, aponta Afonso Mendonça Reis, que vai voltar a Davos como membro dos Global Shapers, uma comunidade de empreendedores criada dentro do WEF. Paralelamente, o aumento do populismo, causado por “as pessoas sentirem que a vida não anda para a frente” com o atual sistema – numa altura em que a desigualdade entre a riqueza das

classes é crescente –, pode levar a uma maior abertura dos decisores, que temem que estes fenómenos abalem o “status quo”.

“O cidadão pode reclamar do capitalismo. Este sistema vai subsistir até que nós como indivíduos o permitamos”, defende Mendonça Reis. Se o consumidor evoluir nesse sentido, o que está em causa não é a liberdade das empresas e dos acionistas em determinarem os seus padrões e comportamentos. A questão passa a ser: “Queres o consumidor ou não?”

As empresas parecem estar a receber a mensagem. No passado agosto, 181 CEO das grandes empresas norte-americanas que constituem a Business Roundtable assinaram um manifesto em que se comprometem a priorizar a devolução de valor à sociedade.

O aperto às empresas

“Já começámos a assistir a alguns sinais interessantes de pressão de mercados e de agentes, nomeadamente em matéria de financia-



mento”, aponta Clara Raposo, “dean” do Instituto Superior de Economia e Gestão. Schwab quer que os objetivos ambientais, sociais e de governança (ESG, na sigla inglesa) complementem as métricas financeiras mas a “dean” do ISEG avisa que “não será fácil reunir-se consenso”, dada a subjetividade na apreciação. A consideração do nível de governança na concessão de crédito é uma medida que o professor de “governance” na Nova SBE Duarte Pitta Ferraz prevê que passe a prática comum.

Por um lado, o financiamento, por outro, os trabalhadores. O “partner” da recrutadora Boyden em Portugal, Fernando Neves de Almeida, projeta que as dificuldades na contratação se sintam “a médio prazo”, caso as empresas não olhem às preocupações mais prementes da sociedade. O “partner” nacional da Stanton & Chase, José Bancaleiro, pensa que a dificuldade se vai sentir mais nas empresas de setores mais sofisticados que peçam jovens altamente qualificados.

Uma clivagem também em debate é o hiato entre o salário dos colaboradores e dos executivos. Schwab sugere que a remuneração dos executivos “necessita ser ajustada” uma vez que “disparou”, “alinhada” com os interesses dos acionistas. O CEO da start-up portuguesa Unbabel, Vasco Pedro, avisa que “ao estarmos a limitar a uma remuneração mais baixa, estaremos a arriscar perder os melhores CEO. Isto só funcionaria se houvesse uma mudança a nível de toda a indústria, o que será muito difícil”. Sugere antes “uma estrutura em que todo os empregados sejam também ‘stockholders’” de forma a alinhar melhor os incentivos. Pôr algumas variáveis ESG na avaliação de desempenho das

comissões executivas para o cálculo da remuneração variável é outra opção, avançada pela Boyden, assim como o aumento do salário médio.

O caminho é longo, mas o próximo passo é legislar, concordam Clara Raposo e Pitta Ferraz. Este último faz o paralelo com o impulso dado pela definição de quotas na questão da diversidade de género: “As empresas só estão a cumprir os padrões mínimos. E as que não estão obrigadas, nem os mínimos cumprem.” Assim, “é na definição das regras e do âmbito de intervenção das empresas que estará o segredo para um ‘upgrade’ na qualidade do capitalismo que temos”, afirma Raposo. ■

“

Os millennials e a geração Z já não querem trabalhar para investir e para comprar as empresas que têm falta de valores.

KLAUS SCHWAB

Presidente e fundador
Fórum Económico Mundial

Portugal não está preparado, mas pode adiantar-se

“Não vejo que estejamos superbem preparados para a mudança”, assinala Afonso Mendonça Reis. “Respondemos muito bem à crise, mas noutros casos, não corremos sozinho”, observa. Para Duarte Pitta Ferraz, “grande parte dos gestores portugueses não entende sequer o



Von der Leyen, a presidente da Comissão

tema”, dada a falta de atenção que é dada à governança nas universidades portuguesas. O professor concede, contudo, que há “uma evolução mais rápida nas grandes empresas e mais lenta nas PME”.

A “dean” do ISEG, Clara Raposo, assinala que, no que toca a temas como os valores ambientais, sociais e de governança, “ainda temos franjas que



Cerco a Isabel dos Santos chega a Portugal
Metade dos fundos rendeu mais de 10%



Europeia, discursou no dia do arranque do encontro que marca os 50 anos do Fórum Económico Mundial.

estão em negação e que tudo farão para perpetuar o seu 'modus operandi', mas acredita que "se houver uma alteração séria e profunda no grau de exigência, os gestores em Portugal estarão na linha da frente".

2.000 119

PARTICIPANTES

Davos vai receber mais de 2.000 participantes no encontro deste ano, provenientes de cerca de 100 países.

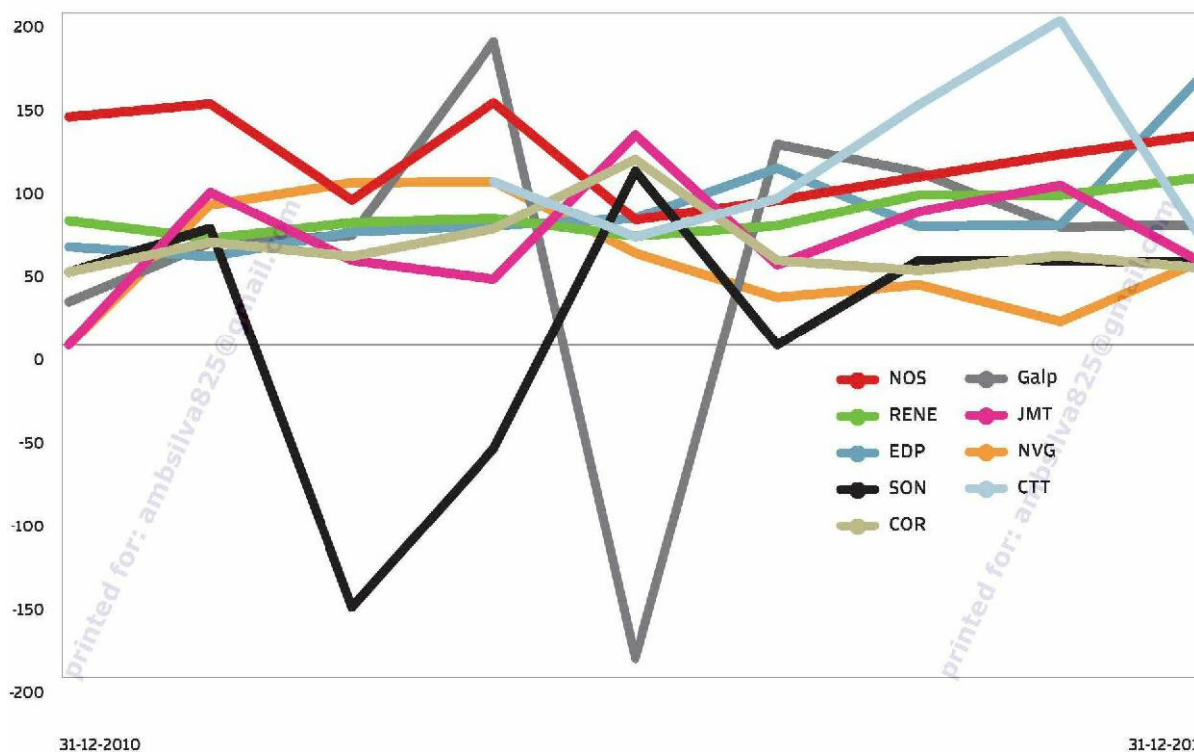
MULTIMILIONÁRIOS

Entre os 2.000 participantes, 119 possuem fortunas de milhares de milhões de dólares.

EDP ROUBA COROA DE COTADA MAIS GENEROSA AOS CTT

Rácio de payout de nove cotadas do PSI-20 considerando os dividendos ilíquidos e os lucros de operações recorrentes

Em 2018, a EDP foi a empresa do PSI-20, entre as nove sob análise, que distribuiu uma parte mais alargada dos lucros em dividendos. O rácio de payout foi de 161%. Seguiram-se a Nos, a REN e a Galp. Os CTT desceram ao quinto lugar depois de três anos como cotada mais generosa para os acionistas.



Fonte: Go Bulling

Davos recebe elite dona de fortuna de 500 mil milhões

Num ano em que o modelo capitalista vai estar em discussão em Davos, tendo em conta o aumento das desigualdades que se tem verificado debaixo desta corrente, o evento organizado pelo Fórum Económico Mundial vai contar com a presença de 119 multimilionários, de acordo com a Bloomberg.

O Fórum Económico

Mundial celebra o 50.º aniversário de 20 a 24 de janeiro na cidade suíça de Davos, nos Alpes, a localização habitual. Para o evento estão convidados mais de 2.000 participantes provenientes de cerca de 100 países, que vão desde empresários e especialistas em economia a políticos. Entre eles, conta-se um grupo de 119 multimilionários cujas fortu-

nas combinadas atingem os 500 mil milhões de dólares (mais de 450 mil milhões de euros). No grupo dos donos das grandes fortunas estão nomes como Ray Dalio, o fundador da Bridgewater Associates, o presidente do grupo Blackstone, Steve Schwarzman e o CEO do JP Morgan and Chase, Jamie Dimon.

O tema deste ano é "Stakeholders para um Mundo Sustentável e Coeso", justificado pelo fundador e presidente do Fórum, Klaus Schwab, através dos canais oficiais, da seguinte forma: "As pessoas estão a revoltar-se contra as elites económicas,



que acreditam que os traíram, e os nossos esforços para manter o aquecimento global limitado a 1,5 °C estão a ser perigosamente insuficientes.”

Além dos multimilionários, destacam-se outras personalidades na lista de convidados. Da parte da Comissão Europeia vai a presidente, Ursula von der Leyen. O Presidente norte-americano, Donald Trump, que lidera o berço do capitalismo, criou um império enquanto empresário e retirou os Estados Unidos do Acordo de Paris, vai estar presente depois de ter falhado no ano anterior. Greta Thurnberg, ativista climática de 16 anos, é outro dos nomes mais badalados.

Há portugueses na lista

O Negócios confirmou a presença de Francisco Soares dos Santos, do grupo Jerónimo Martins e de Carlos Gomes da Silva, CEO da Galp. Anteriormente, o Dinheiro Vivo noticiou que também Cláudia Azevedo, CEO da Sonae, José Luís Arnaut, do conselho consultivo da Goldman Sachs, António Simões, líder do negócio global de banca privada do HSBC e António Horta Osório, CEO do Lloyds, vão participar. ■

ANA BATALHA OLIVEIRA